

**O número sete em Apocalipse 4,1-11,19:
simbologia e estrutura do texto**
**The number seven in Revelation 4,1-11,19:
symbology and text structure**

Marcio Ferreira de Araujo¹
Carolina Bezerra de Souza²

RESUMO

O Apocalipse é um livro que inspira, causa temores e curiosidade nas pessoas que o leem atualmente. Há resistência à sua leitura, devido a interpretações de escatologia futurista. Recentemente, a abordagem literária do Apocalipse vem se apresentando cada vez mais relevante, pois visa compreender a natureza e o processo de significação de sua linguagem e gênero. Como gênero literário, o Apocalipse apresenta uma complexa trama narrativa marcada pelo uso de diversas simbologias. A interpretação dos números na Bíblia é um desafio dentro da exegese, com interpretações variando entre o sentido quantitativo literal ou um sentido figurado em leitura simbólica dos números. Buscaremos, neste artigo, levantar uma discussão sobre a compreensão dos números simbólicos no Apocalipse, por meio de uma aproximação exegética dos capítulos 4 ao 11. Enfatizaremos a análise do número simbólico sete e seu papel na composição literária joanina.

PALAVRAS-CHAVE

Apocalipse; Números; Sete; Linguagem Simbólica.

ABSTRACT

The Apocalypse is a book that inspires, causes fear and curiosity in people who read it today. There is resistance in reading, due to interpretations of futuristic eschatology. Recently, the literary approach to Apocalypse has become increasingly relevant, as it aims to understand the nature and process of meaning of its language and genre. As a literary genre, the Apocalypse presents a complex narrative plot marked by the use of various symbols. The interpretation of

¹ Marcio Ferreira de Araujo. Especialista em Novo Testamento pela Faculdade EST. Professor de cursos de teologia no IETEB.

² Carolina Bezerra de Souza é doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Tem pós-doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdades EST, onde é docente na área de Novo Testamento na graduação e nos Programas de Pós-graduação Stricto Sensu Acadêmico e Profissional.

numbers in the Bible is a challenge within exegesis, with interpretations varying between a literal quantitative sense or a figurative sense in a symbolic reading of numbers. In this article, we will seek to raise a discussion about the understanding of symbolic numbers in the Apocalypse, through an exegetical approach to chapters 4 to 11. We want to emphasize the analysis of the symbolic number seven and its role in the Johannine literary composition.

KEYWORDS

Apocalypse; Numbers; Seven; Symbolic Language.

Introdução

Os números gozam de um status simbólico quase onipresente nos diversos discursos da sociedade contemporânea, ao ponto que chegamos ler o mundo através deles. Há uma mentalidade em que os números recortam e indicam uma variedade de sentidos em nossa linguagem, são números estatísticos, de *likes*, financeiros, de documentos, “políticos”, da sorte, de acessos, do tempo, de status, entre outras noções que representam uma gama de aplicações e sentidos para além do usual matemático. Ainda assim, há dificuldades na compreensão do modo dos povos antigos usarem os números, principalmente em textos religiosos, como os escritos bíblicos. Interessamo-nos aqui pelo uso de números no livro canônico do Apocalipse de João, especialmente pela função do número sete.

Apocalipse significa “revelação, descoberta, tirar o véu”. Apocalipse de João é apenas um dos diversos escritos apocalípticos que surgiram em meios judaicos, cristãos, gnósticos, greco-romanos e persas.³ Estes consistem num tipo de literatura profética de movimentos religiosos surgida entre 200 a.C. a 300 d.C. que constituiu um movimento de literatura apocalíptica. A linguagem simbólica é uma característica importante da apocalíptica. É necessário cuidado com leituras literalistas, pois o Apocalipse de João não compartilha uma lógica “natural” com sentido denotativo, não descreve as coisas como ela são na realidade. A linguagem apocalíptica comunica símbolos e imagens para serem interpretadas e não vistas.⁴

Ao escrever seu livro, o autor identificado como João procurava motivar e encorajar os cristãos na Ásia Menor diante das tribulações. Para isso, ao invés de escrever uma simples carta de exortação, ele compõe um texto profético com uma estrutura literária apocalíptica. Ele apresenta um rico universo simbólico, cujo objetivo era fornecer a visão de um mundo alternativo para ampliar a resistência de cristãos frente à perseguição e possível execução.⁵

O Apocalipse de João é complexo em sua interpretação, pois apresenta uma trama narrativa que usa de diversas simbologias. Há símbolos numéricos, cromáticos, pteriomórficos dos animais, cósmicos, culturais e antropológicos.⁶ A interpretação dos símbolos numéricos no

³ GOTTSWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 539-540.

⁴ ARENS, Eduardo; MATEO, Manuel Diaz. *O Apocalipse: a força da esperança: estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 36.

⁵ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *The Book of Revelation: Justice and Judgment*. Philadelphia: Fortress, 1985. p. 187, 188.

⁶ ARENS; MATEUS, 2005, p. 39-42. Simbólica: símbolos numéricos (e.g. 3,7); símbolos cromáticos (e.g. branco, amarelo); símbolos pteriomórficos dos animais (e.g. cavalo, rosto de leão); símbolos cósmicos (e.g. estrela, sol, lua); símbolos culturais (e.g. castiçais) e símbolos antropológicos (e.g. rosto de homem).

Apocalipse de João é um desafio na exegese moderna, os números representam mensagens qualitativas de natureza simbólica teológica, comum a cosmovisão de um grupo específico e sua cultura literária. Neste artigo, trataremos do funcionamento da linguagem simbólica relacionada ao número sete no trecho de Apocalipse 4,1 a 11,19, considerado como um Apocalipse Judaico em João.⁷

1. Números simbólicos do Apocalipse de João

Segundo Augras, diferente do Oriente, a sociedade Ocidental, por adotar uma atitude mais racionalista com a linguagem, perdeu as chaves interpretativas do simbolismo, que passou a ser visto como forma degenerada do misticismo ou superstição.⁸ O resgate da linguagem simbólica é fundamental para exegese dos escritos bíblicos, pois os livros da Bíblia são produtos de uma cultura oriental, cuja elaboração se deu em momentos em que a linguagem simbólica era predominante.

Quando falamos de “linguagem simbólica” para remeter uma tradição antiga de uso dos símbolos, devemos compreender que consiste num tipo específico de linguagem. O termo “linguagem” é um conceito amplo e abrange diversos tipos de formas de comunicação, inclusive a “linguagem simbólica ou simbolismo”. Do ponto de vista semiótico, a linguagem é concebida como um conjunto de sons articulados, marcas escritas e gestos que realizam o pensamento e a experiência humana, além de ser um elemento próprio da comunicação social na construção das sociedades.⁹ Em outras palavras, a linguagem é tanto o meio em que o ser humano interage com seu mundo mediado por símbolos, mas também, a forma de comunicação com uso de signos: algo que é colocado no lugar de outra coisa, ou que representa alguma coisa quando dois comunicantes se encontram.¹⁰ Assim, o signo é a matéria-prima essencial da linguagem. Toda mensagem é constituída de signos, seja ela da comunicação verbal ou não-verbal.

O signo não é um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou função.¹¹ O signo, na tradição linguística de Saussure, é dividido em duas faces: a significante se refere à imagem acústica, o lado sensorial; e a outra face é o significado, o conceito ou imagem conceitual. Ambas as faces são tomadas em nossa mente por um vínculo ou relação.¹² O semioticista Roland Barthes chama o processo que une as duas faces do signo de significação.¹³ Dependendo do contexto em que a palavra ou signo estiver, pode representar mensagens distintas, nesse sentido, a função-signo é a testemunha de um duplo movimento que se cumpre analisar.¹⁴ Nesse trabalho tomaremos o símbolo como um tipo especial de signo que faz parte da linguagem não-literária.

Segundo Casagleno, a linguagem tem como alvo primordial o significado literal, busca um sentido unívoco da realidade.¹⁵ Na linguagem literal, a função do signo é denotativa, busca exprimir

⁷ ARENS; MATEUS, 2005, p. 142.

⁸ AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967. p. 16.

⁹ NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003. p. 80.

¹⁰ PERUZZOLO, Adair Caetano. *Elementos de Semiótica da Comunicação: quando aprender é fazer*. São Paulo: EDUSC, 2004. p.54.

¹¹ EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. São Paulo: SP: Ática; 3ª ed. 1990. p. 29.

¹² LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975. p. 82.

¹³ BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. p. 51.

¹⁴ BARTHES, 2006, p. 44.

¹⁵ CASALEGNO, Alberto. “E o Cordeiro os Vencerá” (*Ap 17,14*): Leitura exegético-teológica do Livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyola, 2017. p. 29.

ou indicar valores objetivos na mensagem.¹⁶ O discurso da linguagem simbólica não visa um sentido determinado ou limitar o plano de significação.¹⁷ A interpretação do símbolo implica numa significação que comporta várias camadas e possibilidades de sentidos, por isso, a linguagem simbólica faz parte da linguagem não-litera.¹⁸ A linguagem não-litera compreende várias maneiras de expressão: símbolos, signos, sinais, metáforas, alegorias, mitos.¹⁹ Focaremos nos estudos na compreensão dos símbolos.

A palavra símbolo tem sua origem no termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym-ballein*, que significa: lançar com, por junto com, juntar – referindo-se duas partes de um objeto, pares de um bastão, moeda ou tabuinha que reunidas serviam para o reconhecimento de duas pessoas.²⁰ Desse ato de reunir duas partes distintas entre duas pessoas, implicam sentidos interessantes: de separação, encontro e explicação. Primeiramente, a ideia de símbolo indica uma dualidade, depois uma unificação que se faz não por uma redução das partes por meio de um tipo de fusão ou ajustamento.²¹ Essa referência dupla indica seu caráter de símbolo que visa em sua relação articular dois contextos ou domínios de discursos até então não relacionados,²² Para Ricoeur, o desafio de interpretar essas duas dimensões ou esses dois universos de discurso está no fato que um é de ordem linguística, e outro, de ordem não linguística. No entanto, esta ordem não linguística não foge de uma ordem possível de analisar, pois ainda está na ordem do discurso.²³

Assim como o signo, cuja significação une duas faces, um significante e um significado, o processo do símbolo, a simbolização, soma algo que simboliza com algo que é simbolizado.²⁴ Marc Girard propõe um esquema do símbolo semelhante ao modelo do signo de Saussure, em que resulta numa conjunção de um simbolizado além do observável e de um simbolizante observável.²⁵

Distinto da união do signo que se apresenta como uma fusão de tal forma que sua relação resulta numa impressão una e estática e com sentido unívoco, o símbolo ao unir suas partes, passa uma impressão de ambiguidade, sua “significação”, ou melhor sua simbolização é mais dinâmica: aponta ao sentido além do primeiro, para um segundo e terceiro, provocando um tipo de excesso de sentido, ou seja, o “significado” (simbolizado) de um símbolo transborda.²⁶

É importante pontuar que os dois níveis de significação, ou uma significação mais uma simbolização, só existem na interpretação analítica, pois para os participantes na significação simbólica, não há compreensão de duas significações, uma literal e outra simbólica, e sim, um único movimento que o traslada de um nível para o outro, assimilando à segunda significação por meio da significação literal.²⁷ Devido a essa pressuposta ruptura de plano, de uma

¹⁶ GUIRARD, Pierre. *A Semiologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 31.

¹⁷ CASAGLENO, 2017, p. 29.

¹⁸ ARENS; MATEUS, 2005, p. 26.

¹⁹ ARENS; MATEUS, 2005, p. 28.

²⁰ CASAGLENO, 2017, p. 28.

²¹ GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 24.

²² EPSTEIN, 1990, p. 69.

²³ RICOEUR, 1976, p. 65.

²⁴ ARENS & MATEUS, 2005, p. 28.

²⁵ GIRARD, 2021, p. 43-44.

²⁶ EPSTEIN, 1990, p. 66.

²⁷ RICOEUR, 1976, p. 67.

descontinuidade entre as duas ordens paradoxal do sentido do símbolo, necessitamos expandi-lo para sua interpretação.²⁸

Os símbolos que iremos analisar em nosso trabalho são numéricos. Os critérios para análise da linguagem simbólica dos números consideram alguns princípios sugeridos por Stewart para auxiliar na interpretação, como: o uso repetido dos símbolos no livro como referência para fazer interpretação paralela; e também o uso semelhante no Antigo Testamento, o contexto cultural e histórico não pode ser desprezado.²⁹ Outra consideração é saber quando o número está em seu uso comum, com função matemática para denotar unidade, grandeza, pluralidade ou ordenação de um elemento ou, ainda, quando um número simbólico é utilizado para cumprir funções retóricas e compositivas, pois na antiguidade era comum o uso de técnicas numéricas para organização de composições literárias.³⁰

2. Simbolismo numérico no “apocalipse judaico” joanino

O debate sobre a composição do Apocalipse é antigo e não há um consenso entre os estudiosos, mas não é foco da nossa proposta. No entanto, os estudos críticos e literários da obra colocam em dúvida a noção de que a estrutura é formada de um todo harmônico e coerente, pelo contrário, o que podemos perceber no todo do texto são inúmeras desarmonias como: interrupções abruptas, justaposição de sentenças sem relação entre si, repetições, recapitulações e blocos temáticos de textos que parecem independentes entre si. O material literário do Apocalipse apresenta um duplo caráter, por um lado, parece com um mosaico artístico, por outro, sua estrutura é como uma composição artificial.³¹

Arens e Mateus demonstram em seu trabalho diversas desarmonias na composição do Apocalipse: três introduções distintas linguisticamente e estruturalmente (1, 1-3; 1,4-8; 1,9-20); acréscimos posteriores do prólogo (1,1-3) e epílogo (22,6-20); a distinção de escrito profético entre as cartas (2-3), com menor intensidade de metáforas e símbolos, linguagem mais direta e unívoca semelhante à dos profetas tradicionais que transmitem juízo e conversão com tom moralizante, voltado para problemas internos à igreja, tudo isso, bem diferente do corpo (4,2-22,5) formado pelas visões, com tramas simbólicas mais complexas, dramáticas e voltado para questões externa a igreja.³²

No corpo da obra, são identificados dois blocos praticamente independentes. De tal modo, pensava-se essas composições em momentos distintos. O primeiro bloco de visões celestiais (4,2-11,19) é inspirado em Daniel e Joel e tem um estilo textual mais judaizante. Seu foco é a ideia de fim do mundo profano com sua mensagem central na libertação do povo oprimido; seu final (11,15-19) indica o Êxodo como pano de fundo. Ele é bem diferente do segundo bloco, 12,1-21,5a, que trata de visões terrenas com estilo mais helenista inspirado em Ezequiel, com

²⁸ EPSTEIN, 1990, p. 70.

²⁹ STEWART, Alexander E. *Reading the Book of Revelation: five principles for interpretation*. Lexham Press, Bellingham, 2021. p. 3-4.

³⁰ LABUSCHAGNE, Casper J. *Numerical Secrets of the Bible Rediscovering the Bible Codes*. Texas: BIBAL Press, North Richland Hills, 2000. p. 6.

³¹ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 35-36

³² ARENS & MATEUS, 2005 p. 134 seq.

ênfase numa narrativa sobre o futuro da igreja sob domínio de Roma com auxílio das figuras do dragão e da besta, disposto a devorar o Cordeiro.³³ Enquanto o primeiro, um “Apocalipse Judaico” (Ap 4-11), seja provavelmente da época de Nero (54 d.C. a 68 d.C.), o segundo, um tipo de “Apocalipse helenístico” aponta para época de Domiciano (81 d.C. a 96 d.C.).³⁴

Apesar da crítica e a história das tradições sustentarem que o Apocalipse é formado de pequenas unidades escritas ou orais de tradições anteriores, além de possíveis usos de tradições independentes, Schüssler Fiorenza assume que o livro apresenta uma unidade composicional rigorosa e de magnífica completude.³⁵ Essa unidade literária do Apocalipse não é resultado da compilação arbitrária de um redator final, e, sim, da concepção teológica e da composição literária do autor.³⁶

Com relação a organização textual, é comum encontrarmos o uso de números simbólicos em textos do Antigo testamento e outros textos do Novo testamento. Na antiguidade, o uso de números para composição de textos era aceito como uma técnica composicional normal para organizar um texto e servia como um recurso para disciplina da escrita de textos sagrados.³⁷

O trecho que analisaremos, Apocalipse 4,2-11,19, é formado por dois septenários interligados e dependentes, os sete selos e sete as trombetas, e apresenta um padrão escatológico de crise, com perseguição, julgamento e salvação.³⁸ Composta de dois ciclos, os capítulos 4-11, apresentam uma sequência de catástrofes, castigos e terminam com hino de triunfo final (Ap 11,15-19), constituindo um apocalipse completo com ressurreição e juízo.³⁹

A trama simbólica desse Apocalipse Judaico é complexa e riquíssima: contém símbolos cromáticos (branco, preto, vermelho, amarelo); símbolos antropológicos (rosto de homem, cavaleiros), símbolos pteriomórficos dos animais (cavalos, águia); símbolos cultuais e militares (altar, incenso, trombetas); símbolo cósmicos (terremotos, trovões) e, por fim, do nosso maior interesse para estudo, os símbolos numéricos.

3. Análise do símbolo numérico sete no Apocalipse judaico

O trecho Apocalipse 4-11 é um texto muito rico em relação aos símbolos numéricos. Faremos a análise do número sete, por se tratar de um número de forte valor simbólico e principalmente pela presença bem marcante na composição literária do livro como um todo e bem notável em nossa perícopie. O número sete aparece como número cardinal: sete e sete mil (sete selos, sete trombetas, sete chifres, sete olhos e sete espíritos, sete mil homens); e ordinal: sétimo (sétimo selo, sétimo anjo).

³³ ARENS & MATEUS, 2005, p. 142.

³⁴ ARENS & MATEUS, 2005, p. 68.

³⁵ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 36.

³⁶ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 159.

³⁷ LABUSCHAGNE, 2000, p. 93.

³⁸ COLLINS, Adela Yarbro. *A Imaginação Apocalíptica: uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 387.

³⁹ ARENS & MATEUS, 2005, p. 143.

3.1. O simbolismo do número sete e suas funções na narrativa do Apocalipse

Sete (*hepta*), o número que ocorre com maior frequência na Bíblia (390 vezes no Antigo Testamento, 88 vezes no Novo Testamento, por volta de 56 vezes no Apocalipse), na maioria dos casos não tem significado literal, mas simbólico.⁴⁰ Geralmente, carrega a ideia de plenitude, totalidade, perfeição.⁴¹ O simbolismo do número sete, no hebraico “*sheba*”, está conectado com o verbo “*sabea*” que tem o sentido de “estar satisfeito”, “cheio”, “completo”. Essa ideia de completude ou plenitude remonta ao período sumério da história babilônica e foi usado até a época do Novo Testamento.⁴²

Apesar desse uso simbólico do sete como completude, outros significados importantes a serem considerados são o de “santidade” e “descanso”, pois têm forte relação ao *Shabat*, o dia sagrado do judeu⁴³ citado em Gênesis como um tempo especial em que Deus ao completar a criação: “abençoou o sétimo dia, santificou e descansou” (Gn 2,1-3). Desse modo, cada judeu também deveria descansar e santificar-se no sétimo dia (Ex 20,8-11). Por carregar esse sentido forte de santificação, era comumente presente em contexto litúrgico como por exemplo: o candelabro judaico, com suas sete lâmpadas (Menorah) (Ex 25,37; 37,23), e a instituição do ano sabático no sétimo ano (Lv 25,4; Ex 23,10-11; Dt 15,1). Na literatura sapiencial, o sete aparece associado à sabedoria (Pr 9,1). No antigo Israel, esse número estava associado ao ritmo da vida, dando estrutura ao fluxo do tempo por meio do sábado, o sétimo dia da semana. Desse modo, é de admirar seu uso de outra maneira, como princípio organizador para dar estrutura ao conteúdo de textos e lhes imbuir de seu simbolismo por meio de séries e ciclos de sete.⁴⁴

O número sete era um elemento integrado tanto nas crenças judaicas como no apocalipticismo.⁴⁵ São várias as referências explícitas deste número no Apocalipse de João: sete igrejas (Ap 1,4), sete Espíritos (Ap 1,4; 4,5), sete candelabros (Ap 1,12; 4,5), sete selos (Ap 5,1), sete anjos (Ap 8,2; 15,5.7), sete trombetas (Ap 8,2), sete taças (Ap 15,7), sete bênçãos (1,1; 14,3; 16,15, 19,9, 20.6.22.7.14) etc.

Labuschagne sustenta que os textos bíblicos, tal como foram transmitidos, não são o resultado de um processo de formação fortuito, mas foram composições deliberadamente projetadas, cuja forma é governada por certos números e defende uma “crítica numérica” como suplementação exegética na crítica literária, especificamente na crítica da forma.⁴⁶ O uso de números e estruturas numéricas consistia num meio primário escolhido pelo autor para alcançar uma textura entrelaçada e composição unitária da obra.⁴⁷ Por isso, trata-se de um número fundamental para análise de nossa perícopes, pois além do sentido simbólico, ele é utilizado como base para estrutura compositiva do texto.

No Apocalipse, é fácil encontrar quatro grandes blocos estruturados com uso do número sete, trata-se dos quatro septenários: septenário das Igrejas (1,4-3,22); septenário dos selos

⁴⁰ LABUSCHAGNE, 2000, p. 25, 26.

⁴¹ PRÉVOST. Jean-Pierre, *Pour lire L'Apocalypse*. Paris: Éditions Novalis inc. Canada et Éditions du Cerf, 2006. p. 43.

⁴² FARBRIDGE, M. A. Maurice H., *Studies in Biblical and Semitic Symbolism*. London: Paul, Trench, Trubner & Co., LTD. New York: E. P. Dutton & Co. 1923. p. 137.

⁴³ EISENBERG, Josy. STEINSALTZ, Adin. *O Alfabeto Sagrado*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 75, 80.

⁴⁴ LABUSCHAGNE, 2000, p. 26.

⁴⁵ FIORENZA, 1985, p. 164

⁴⁶ LABUSCHAGNE, 2000, p. 106.

⁴⁷ FIORENZA, 1985, p. 171.

(6,1-8,1); septenário das trombetas (8,2-11,19) e os septenários das taças (15,1-16,21).⁴⁸ Para Schüssler Fiorenza, esses septetos são elementos estruturantes importantes na composição do livro. Eles, por sua vez, são estruturados em grupos de quatro e três, ou seja, em sua estrutura interna é possível observar uma espécie de “fórmula estruturante” (4+3=7) que auxilia na composição dos septetos.⁴⁹ A exceção é do primeiro septenário das cartas, pois sua organização segue um padrão do tipo simétrico, com elementos formais integrados e mostram a existência de paralelismo e relações com uma gama de interações positivas e negativas em perfeita simbiose.⁵⁰ Esse tipo de organização simétrica (3+1+3) era comum na poesia hebraica e segue uma estrutura conhecida como menorá-numérica: consiste numa perfeita forma simétrica com um centro que funciona como ponto focal do texto.⁵¹ Nas sete cartas, o eixo central da estrutura é ocupado pela igreja de Tiatira.⁵²

O sete funciona como um componente estrutural básico na composição do livro e decisivamente estrutura a matéria textual do Apocalipse, de tal modo que se tem argumentado que todo o plano e composição dele foi modelado com base no número sete.⁵³ Para Collins, o plano geral do livro do Apocalipse é estruturado em séries de visões com base no sete.⁵⁴ Schüssler Fiorenza apresenta um possível arranjo estrutural do Apocalipse baseada no número simbólico sete, como podemos observar abaixo:

1. Prologo	1,1 – 8
prefácio	1,1 – 3
prescrição e dizeres	1,4 – 8
2. As sete mensagens	1,9 – 3,22
3. Os sete selos	4,1 – 8,5
4. As sete trombetas	8,2 – 11,19
5. Sete visões inumeráveis	12,1 – 15,4
6. As sete taças	15,1 – 16,20
apêndice da Babilônia	17,1 – 19,7
7. Sete visões inumeráveis	19,11 – 21,8
apêndice de Jerusalém	21,9 – 22,5
8. Epílogo	22,6 – 21
dizeres	22,6 – 20
bênção	22,21 ⁵⁵

Com base na estrutura acima é facilmente perceptível a importância do número sete para a estruturação do livro.

3.2. *A função compositiva do sete no Apocalipse judaico*

O foco agora é investigar o papel do número sete na composição interna dos septenários nos limites do “Apocalipse judaico” (4,2-11,19). A estrutura é formada por uma trama paralela

⁴⁸ CASAGLENO, 2017, p. 35.

⁴⁹ FIORENZA, 1985, p. 171.

⁵⁰ ROMÁN, Miguel Oliver. *El Apocalipsis: Cartas a las siete Iglesias*. Madrid: San Pablo, 2016. p. 47.

⁵¹ LABUSCHAGNE, 2000, p. 130.

⁵² ROMÁN, 2016, p. 47.

⁵³ FIORENZA, 1985, p. 167.

⁵⁴ COLLINS, Adela Yarbro. *The Combat Mith in The Book of Revelation*. Missoula: Scholar Press, 1976. p. 19.

⁵⁵ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 167.

baseada no número sete com dois septenários. O primeiro, septenário dos selos, tem o sétimo selo como ligação para o septenário das trombetas, formando uma unidade literária.

A introdução da perícopa (4-5) tem como função apresentar o cenário celeste com sete figuras simbólicas: quatro seres vivos ou querubins⁵⁶; mais três figuras, os vinte e quatro anciãos, um trono e aquele que está assentado no trono com um livro selado. No capítulo 5, o personagem cordeiro ocupa o lugar central da cena, sentado no trono, está com um rolo lacrado com sete selos em sua mão direita.⁵⁷

Estranhamente, em Ap 5,5-6, ele foi anunciado pelo ancião como leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, mas apareceu como um Cordeiro com sete chifres, sete olhos⁵⁸ que equivale os sete espíritos de Deus enviado por toda a terra. Os setes chifres, é uma imagem que carrega um simbolismo tradicional; no Antigo Testamento tem sentido de poder (Nm 23,22; Dt 33,17), autoridade e dignidade real (Zc 2,1-4; Dn 7,7-8.24).⁵⁹ Os sete olhos, que são os sete espíritos, fazem alusão a Zc 4,10 e representam os olhos de Javé que vigiarão toda a terra, a onisciência de Deus.⁶⁰ Depois dessa introdução em linguagem litúrgica, com uma exposição densa de adoração (ver 5,6-14), a partir de 6,1 continua com uma cena dramática do rolo e dos selos desencadeando um conjunto de julgamentos com ação maligna, punição divina e salvação dos fiéis.⁶¹

A seguir, o septenário dos selos (6,1-8,1), apresenta uma fórmula compositiva numérica (4+3=7), onde o conjunto de sete selos está dividido por distintos elementos que formam agrupamento de quatro cavaleiros e mais três selos com elementos relacionados.⁶² Os quatro primeiros elementos são marcados pelo comando “Vem”, dado aos cavaleiros, enquanto os últimos três são completamente diferentes.⁶³ O caos causado pelos quatro selos atinge ímpios e justos, com excessão àquele que têm na testa o selo de Deus.⁶⁴ Esses quatro selos, revelam o testemunho de quatro desgraças ou maldições. Cada desgraça, é representada pela figura de um cavalo, um cavaleiro portando algo e suas ações destruidoras ou opressoras. Uma nova cena narrativa é aberta com o quinto selo.⁶⁵ Os últimos três selos mostram sinais de reações em relação as ações destruidoras: clamor das almas dos mortos, enorme temor dos reis da terra, grandes, ricos, tribunos militares e todo escravo e livre e, silêncio no céu. Narrativamente se cria um intervalo temporal entre o quarto e quinto selo.⁶⁶ Após o sexto selo, há um interlúdio (Ap 7) e em seguida o fechamento com o sétimo selo (Ap 8,1).⁶⁷

O sétimo selo, funciona como um dispositivo de interligação para as sete trombetas (8,1-5) e sua abertura tem três efeitos: o silêncio de cerca de meia hora (8,1), o aparecimento dos sete

⁵⁶ BULLINGER, E. W. *Number in Scripture: its supernatural design and spiritual significance*. Grand Rapids: Kregel publications, 1894. p. 124

⁵⁷ NOGUEIRA, Paulo. *O que é o Apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 82.

⁵⁸ NOGUEIRA, 2008, p. 83.

⁵⁹ PRIGENT, 2020, p. 251.

⁶⁰ PRIGENT, 2020, p. 252.

⁶¹ TERRA, Kenner, *O Apocalipse de João: Caos, Cosmos e o Contradiscurso Apocalíptico*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

⁶² MUELLER, 1998, p.267, p.171.

⁶³ BULLINGER, 1894 p.179.

⁶⁴ TERRA, 2020, p.174.

⁶⁵ TERRA, 2020, p.174.

⁶⁶ TERRA, 2020, p.174.

⁶⁷ MUELLER, Ekkehardt. *Recapitulation in Revelation 4–11*. Journal of the Adventist Theological Society, 9/1-2. 1998, p. 269. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1355&context=jats> Acesso em: 28/11/2022.

anjos com as sete trombetas (8,2) e a visão do anjo com o incensário de ouro (8,3).⁶⁸ Collins aponta para duas correntes sobre a questão do sétimo selo. A primeira, sugere que a ideia de um selamento sétuplo do rolo, tem origem num costume romano de selar um testamento oficial com selos de sete testemunhas. A segunda, defende a ideia do selamento como uso metafórico derivado dos textos proféticos como Is 8,16-22, mas o mais provável é que sete selos fazem parte do uso preferencial desse número por parte do autor.⁶⁹

Na segunda parte (8,2-11,19), o *Septenário das trombetas*, repete-se a fórmula compositiva (4+3=7), pois as primeiras quatro são separadas das últimas três pelo anjo voando dizendo: “Ai, ai, ai”.⁷⁰ Como nos selos, também encontramos nesta narrativa, um intervalo temporal entre a quarta e quinta trombeta.⁷¹

Aparecem sete anjos com sete trombetas como símbolo de alerta de juízo divino. O bloco das quatro primeiras trombetas tem o poder de destruição da terça parte da terra. O número quatro simboliza, aqui, a totalidade espaço-temporal de juízos que corresponde as “nações que se iraram” (Ap 11,18) contra os fiéis ou mártires. Após as trombetas, seguem-se os três simbólicos “ais”, os últimos e definitivos juízos divinos que funcionarão como lamento final para aqueles que perseguiram os fiéis. A sétima trombeta fecha o Apocalipse judaico com aclamações, hinos de vitória e recompensa aos que lhe são fiéis.⁷²

O capítulo 11 tem uma função especial dentro desse bloco. Em termos formais, ele faz parte da série de visões de trombeta, pois antecede o toque da sétima trombeta (11,15-19) e seu conteúdo pertence ao segundo “ai” (11, 14. cf. 8,13). Também está formalmente conectado com os capítulos 12 e 13 pelo simples fato de estar imediatamente após o capítulo 10.⁷³ Com isto, o autor conseguiu uma conexão formal do conteúdo do pequeno pergaminho com o conteúdo do pergaminho.⁷⁴

Neste trecho, o numeral sétimo, do Anjo (Ap 10,7), tem função ordinal e simbólica, pois está relacionado com a sequência dos anjos anteriores e com última trombeta que carrega o sentido de consumação do mistério de Deus.⁷⁵ E o sete, dos trovões (Ap 10,4), tem um sentido simbólico de origem divina. Combinando com o símbolo do trovão, carrega a ideia de uma mensagem de origem celeste, e não um barulho.⁷⁶ Ao mesmo tempo, esse número auxilia como elemento de repetição simbólica para dar unidade na perícopé. Com essa primeira análise, temos a proposta de uma estrutura compositiva, que funciona como um esquema literário geral, ou seja, um mapa sintático-semântico, portanto, seguiremos com a análise mais interna dos agrupamentos.

3.3. O agrupamento quatro e três dos septenários no Apocalipse judaico

Percebemos a organização geral do trecho formada por dois septetos e organizada internamente com três agrupamento de quatro mais três elementos. Esta combinação faz parte de uma

⁶⁸ COLLINS, 1976, p. 17.

⁶⁹ COLLINS, 1976, p. 13.

⁷⁰ BULLINGER, 1894, p. 179.

⁷¹ TERRA, 2020, p. 174.

⁷² ARENS & MATEUS, 2005, p. 208-209.

⁷³ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 54.

⁷⁴ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 54.

⁷⁵ PRIGENT, 2020, p. 333.

⁷⁶ PRIGENT, 2020, p. 331.

lógica estruturante na composição dos septetos.⁷⁷ Abaixo segue um quadro sintético demonstrando o paralelismo numérico:

Quadro 1 – Paralelismo numérico

<p>Introdução: Cenário da corte celestial com sete elementos (4 – 5)</p> <p>Quatro seres viventes</p> <p>+</p> <p>Três figuras da corte celestial</p>	<p>Parte I: Septenário dos Selos (6,2 -8,1)</p> <p>Quatro selos de desgraças ou maldições (=4 cavaleiros)</p> <p>+</p> <p>Três selos: reações às desgraças</p>	<p>Parte II: Septenário das Trombetas (8,2 – 11,19)</p> <p>Quatro trombetas (= 4 juízos de destruição da terça parte)</p> <p>+</p> <p>Três trombetas (= 3 últimos “ais”)</p>
<p>Cenário da corte celestial com sete elementos divinos.</p>	<p>Sete selos como símbolos de maldições e desgraças.</p>	<p>Sete anjos com trombetas como símbolo de justiça da Ira de Cristo.</p>

Fonte: Elaboração autoral.

Ao olharmos para a quadro acima, podemos perceber que os três agrupamentos são formados por outros dois números simbólicos. Com relação ao sentido simbólico, o uso dos números parece estar ligado a uma lógica de “números preferenciais” como podemos notar no frequente uso dos números 3, 7, 12, 40.⁷⁸ Parece haver um consenso geral entre os intérpretes de que os números 3, 4, 5, 7, 10, 12 e 40 são usados simbolicamente nas Escrituras.⁷⁹ Na estrutura dos agrupamentos o número quatro e o três fazem parte do sentido simbólico da composição narrativa. Por esse motivo, veremos qual sentido eles podem agregar na mensagem da perícopa.

Quatro (*tessares*), indica universalidade, ou tem relação ao mundo habitado.⁸⁰ O número quatro é um número harmônico, completo, ligado ao antigo sistema duodecimal ou dúzia, adotado por diversos povos como unidade secundária, fácil de ser extraída a partir da contagem das falanges dos quatro dedos.⁸¹ Segundo Bullinger, na Bíblia, o número quatro é usado para indicar sentido simbólico de valor de universalidade, de totalidade ou completude⁸², como sugerem

⁷⁷ SCHÜSSLER FIORENZA, 1985, p. 171.

⁷⁸ HILL, Carol A. *Making Sense of the Numbers of Genesis*. Disponível em: <https://www.asa3.org/ASA/PSCF/2003/PSCF12-03Hill.pdf>. p.243. Acesso em: 28/11/2022.

⁷⁹ DAVIS, 1964, p. 17.

⁸⁰ PRÉVOST, 2006, p. 43.

⁸¹ IFRAH, Georges. *Os Números: a história de uma invenção*. São Paulo: Globo, 1989. p. 67.

⁸² BULLINGER, 1894, p. 123.

algumas expressões em Ap 7,1: “quatro anjos”, para os “quatro cantos da terra”; para reter “os quatro ventos”. Em Apocalipse 4,6, os quatros animais cheio de olhos, o quatro sugere uma totalidade de direções fundamentais do universo e os incontáveis olhos representam uma vigilância sem brechas.⁸³

Os quatros seres viventes, com múltiplos olhos, seis asas e rostos distintos formando um conjunto, são inspirados na visão de Ezequiel (Ez 1,4). Geralmente, o número quatro para os seres viventes é apresentado como presença de Deus na Criação.⁸⁴ No entanto, podemos ir mais além dessa interpretação se considerarmos que estes quatro seres, na composição da nossa perícope, estão interligados com as ações dos quatro cavaleiros e, sempre que eles falam, em conexão com a terra, eles evocam e anunciam os julgamentos ou pragas.⁸⁵ Por esse motivo, o sentido simbólico desses quatro seres pode ter mais proximidades com as quatro bestas encontradas na visão do capítulo 7 do apocalipse de Daniel, no qual as visões de animais ou monstros representam quatro reinos.⁸⁶ Desse modo, esses quatro seres podem simbolizar uma totalidade temporal, possivelmente testemunho histórico da opressão dos judeus que vai desde o período babilônico até o período romano.

Na abertura dos quatro selos, há uma ligação entre os quatro seres e os 4 cavaleiros. Os quatro cavaleiros no capítulo 6 representam a guerra, o caos e o sofrimento ao longo da história.⁸⁷ Considerando o contexto da perícope, esse sofrimento ao longo da história parece referir-se não ao futuro, mas, sim, do passado para o presente, isso se considerarmos que o clamor dos martires no quinto selo pedem justiça e vingança por aquilo que aconteceu e vem acontecendo. Não devemos esquecer que os quatro cavalos têm ligação com os quatros seres viventes e seu simbolismo numérico e animal é semelhante a Dn 7 com sentido de reinos. No entanto, o autor parece configurar à sua maneira, sem preservar suas tradições e fontes inalteradas, mas as revisa, altera e adapta ao seu contexto.⁸⁸ Se assim for, a mensagem de ciclos temporais ou opressões periódicas dos fiéis colabora para a hipótese desse “Apocalipse judaico” ser escrito no período de perseguições de “judeu-cristãos” na época do imperador Nero⁸⁹, tempo em que os seguidores de Jesus se viam como um grupo ligado a tradições e perspectiva judaica.

Três (*treis, tría*) é um dos números mais significativos da Bíblia e geralmente simboliza a perfeição divina.⁹⁰ Funciona como um sinal de validação e origem divina ou criadora. Como base numérica harmônica ou princípio ternário foi utilizada no começo por diversas civilizações como suméria, egípcia, elamita, babilônica, fenícia e grega.⁹¹ Em nossa perícope, temos três anjos (Ap 8,13); os ordinais: o terceiro selo, terceiro ser vivente (Ap 6,5), terceiro anjo (Ap 8,10); e as frações: terça parte (Ap 8,7.8.12; 9,18). Os três anjos (Ap 8,13) têm valor simbólico e estão ligados ao tríplice “*ais*” da águia e as três últimas trombetas”. Assim, o número três (dos “*ais*”, trombetas e anjos) visa simbolizar a natureza, autoria e legitimação divina sobre os últimos juízos (tríplice maldição, desgraça) para os habitantes da terra. Da mesma forma,

⁸³ PRIGENT, 2020, p. 232-233.

⁸⁴ ARENS & MATEUS, 2005, p. 177.

⁸⁵ BULLINGER, 1894, p. 124.

⁸⁶ COLLINS, 2010, p. 141.

⁸⁷ STEWART, 2021, p. 102.

⁸⁸ FIORENZA, 1985, p. 170.

⁸⁹ ARENS & MATEUS, 2005, p. 142.

⁹⁰ BULLINGER, 1894, p. 107.

⁹¹ IFRAH, 1989, p. 23.

não devemos entender a expressão “terça parte” como literal, pois trata-se de um símbolo numérico que representa uma mensagem simbólica ligado a linguagem dos profetas e rabinos.⁹² O terceiro “ai” (Ap 11,14) indica sequência ordinal dos dois “ais” anteriores. Após anunciar que o terceiro “ai” cedo virá, o autor silencia em relação a essa terceira desgraça, sendo o mais comum associar esse último “ai” com a sétima trombeta.⁹³ Ainda, esse “ai” de aviso pode ter relação conectiva para o “ai” anunciado no capítulo posterior (Ap 12,12), pois o trecho de Ap 10,1-11,14 serve também como um tipo de costura para o segundo bloco, um tipo de introdução para os capítulos 12-14.⁹⁴

Na análise dos números simbólicos quatro e três percebemos que seus sentidos simbólicos também reverberam na mensagem e na composição dos septenários.

3.4. Os “milhares” e a função retórica dos números simbólicos

Para abordar números simbólicos que passam da casa dos milhares, precisamos compreender primeiro a função retórica dos números. O uso retórico desses números na Bíblia não deve ser interpretado de maneira literal ou simbolicamente, sendo a intenção de tal dispositivo expressar a ideia de intensificação e/ou progressão no texto.⁹⁵ Por exemplo, “mil”, “milhares” podem ser usados para significar o sentido de “muitos”, “uma multidão”, “número grande de algo”⁹⁶, sem ter exatidão numérica (Dt 32,30; Lv 26,8). No nosso texto, ocorre o número sete mil: o sete tem sentido de santidade, enquanto mil indica intensificação de grandeza incerta. Sete mil homens vítimas do grande terremoto (Ap 11,13) também é uma possível referência a quantidade simbólica dos sete mil homens que não dobraram os joelhos a Baal (1 Rs 19,10.14.18), desse modo simbolizando a ideia de um grupo fiel ou santo que não caiu na idolatria.⁹⁷

Finalizamos então, esta breve análise de símbolos numéricos que alguns estudiosos consideram ser um Apocalipse Judaico da época de perseguições de Nero aos judeu-cristãos. Para além do escopo deste texto, a pesquisa sobre o tema pode ser ampliada para envolver aspectos litúrgicos e questões de contexto histórico.

Considerações finais

Sabemos que João, para motivar e encorajar os cristãos na Ásia Menor diante das tribulações, não escreveu uma simples exortação e, sim, uma carta pastoral profética apocalíptica. Para isso, ele se utiliza de um rico universo simbólico, a fim de fornecer a visão de um cenário alternativo para encorajamento e resistência dos cristãos frente à perseguição e possível execução. Sobre os possíveis sentidos desse universo simbólico, não encontramos consenso em relação a sua interpretação final, ou seja, não há uma palavra final sobre como podemos ler,

⁹² PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Edições Loyola, 2020. p. 307.

⁹³ ARENS & MATEUS, 2005, p. 360.

⁹⁴ ARENS & MATEUS, 2005, p. 144.

⁹⁵ DAVIS, John J. Biblical Numerics. *Grace Journal* 5.3 Fall 1964. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/grace-journal/05-3_30.pdf. p. 33. Acesso em: 28/11/2022.

⁹⁶ ARENS & MATEUS, 2005, p. 49.

⁹⁷ CASAGLENO, 2017, p. 132.

analisar e interpretar os símbolos no Apocalipse. Dado esse cenário, toda exposição de estudo do Apocalipse será sempre uma proposta de leitura e nunca a “palavra final” a respeito do tema. Nesse sentido, este texto visa contribuir com a discussão sobre a linguagem simbólica do Apocalipse para os estudos bíblicos, em especial com respeito ao uso dos símbolos numéricos, não somente em suas mensagens, mas também outros usos e funções dentro do texto.

Apesar de notarmos que a Bíblia utiliza números convencionais e números simbólicos, ainda é um desafio na exegese bíblica identificar quando um número aponta para um sentido literal ou simbólico. No entanto, em textos proféticos e apocalípticos, esse uso simbólico é muito mais perceptível, dado a natureza poética da linguagem. O caminho para interpretação mais coerente e plausível dos símbolos numéricos é os considerarmos em sua complexidade, compreender melhor seu modo de significação, seu contexto literário, cultural, histórico e teológico, bem como seu uso retórico, didático e compositivo.

Referências

- ARENS, Eduardo; MATEO, Manuel Diaz. *O Apocalipse: a força da esperança: estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- BULLINGER, E. W. *Number in Scripture: its supernatural design and spiritual significance*. Grand Rapids: Kregel publications, 1894.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- CASALEGNO, Alberto. “*E o Cordeiro os Vencerá*” (Ap 17,14) Leitura exegetico-teológica do Livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- COLLINS, Adela Yarbro. *The Combat Mith in The Book of Revelation*. Missoula: Scholar Press, 1976.
- _____. *A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- DAVIS, John J. *Biblical Numerics*. Grace Journal 5.3 Fall 1964. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/grace-journal/05-3_30.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.
- EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. 3. ed. São Paulo: São Paulo: Ática, 1990.
- FARBRIDGE, M.A. Maurice H., *Studies in Biblical and Semitic Symbolism*. London: Paul, Trench, Trubner & Co., LTD. New York: E. P. Dutton & Co. 1923.
- GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 1997.
- GOTTWARLD, Norman K. *Introdução Sócioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GUIRARD, Pierre. *A Semiologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- HILL, Carol A. Making Sense of the Numbers of Genesis. *The Journal of American Scientific Affiliation*, volume 55, number 4. December, 2003: Disponível em: <https://www.asa3.org/ASA/PSCF/2003/PSCF12-03Hill.pdf>. Acesso em: 28 nov, 2022.
- IFRAH, Georges. *Os Números: a história de uma invenção*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

- JOHNSTON, W Robert D. *Los números en la biblia: el singular propósito de Dios en la numerología bíblica*. Michigan: editorial portavoz, 1994.
- LABUSCHAGNE, Casper J. *Numerical Secrets of the Bible Rediscovering the Bible Codes*. Texas: Bibal Press, North Richland Hills, 2000.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- MUELLER, Ekkehardt. Recapitulation in Revelation 4–11. *Journal of the Adventist Theological Society*, 9/1-2, 1998. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1355&context=jats>
- NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003.
- NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: German Bible Society. Disponível em: <https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/> Acesso em: 20 fev. 2023.
- NOGUEIRA, Paulo. *O que é o Apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. *Elementos de Semiótica da Comunicação: quando aprender é fazer*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- PRÉVOST, Jean-Pierre. *Pour lire L'Apocalypse*. Paris: Éditions Novalis inc. Canada et Éditions du Cerf, 2006.
- RICOUER, P. *Teoria da Interpretação: O discurso e o excesso da significação*. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1976.
- ROMÁN, Miguel Oliver. *El Apocalipsis: Cartas a las siete Iglesias*. Madrid: San Pablo, 2016.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *The Book of Revelation: Justice and Judgment*. Philadelphia: Fortpress, 1985.
- STEWART, Alexander E. *Reading the Book of Revelation: five principles for interpretation*. Bellingham: Lexham Press, 2021.
- TERRA, Kenner, *O Apocalipse de João: Caos, Cosmos e o Contradiscurso Apocalíptico*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

Submetido em: 30/05/2023

Aprovado em: 17/11/2023